



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE UnB DE PLANALTINA – FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEdoC

**EVASÃO ESCOLAR ENTRE AS JOVENS KALUNGAS DE DIADEMA,
TERESINA – GO: POSSIBILIDADES DE SUPERAÇÃO**

LURDES EDELTRUDES DA SILVA

PLANALTINA – DF

2015

LURDES EDELTRUDES DASILVA

**EVASÃO ESCOLAR ENTRE AS JOVENS KALUNGAS DE DIADEMA,
TERESINA – GO: POSSIBILIDADES DE SUPERAÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Coelly Fernandes Saraiva

PLANALTINA – DF

2015

SILVA, Lurdes Edeltrudes da. Evasão escolar entre as jovens Kalungas de Diadema, Teresina-GO: possibilidades de superação. Planaltina - DF. 2015. 46 f.

Monografia – Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília.

Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Orientadora: Dra. Regina Coelly Fernandes Saraiva

1. Educação no campo e o trabalho interdisciplinar. 2. Evasão escolar na comunidade Kalungas de Diadema, Teresina-GO. 3. Evasão escolar entre as jovens. 4. Educação do Campo, I. SILVA, Lurdes Edeltrudes da. II. Evasão escolar entre as jovens Kalungas de Diadema, Teresina-GO: possibilidades de superação.

LURDES EDELTRUDES DA SILVA

**EVASÃO ESCOLAR ENTRE AS JOVENS KALUNGAS DE DIADEMA,
TERESINA – GO: POSSIBILIDADES DE SUPERAÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens, defendida e aprovada em 11 de dezembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Regina Coelly Fernandes Saraiva – Universidade de Brasília

(Orientadora)

Profa. Dra. Eliene Novaes Rocha – Universidade de Brasília

(Examinadora Interna)

Profa. Esp. Adriana Fernandes Souza

(Examinadora Externa)

Dedico esta monografia, primeiramente, ao meu bom Deus, por me ajudar nessa longa caminhada.

Esse trabalho fala somente das jovens, da comunidade diadema, por isso, é dedicado a elas também.

Aos meus queridos filhos, Lucas, Camila, Jheniffer Kelle e Douglas.

À minha querida mãe, Altina, e ao meu pai, Hélio.

Aos meus queridos irmãos: Maria Aparecida, Divina, Vanessa, Maria, Divani, Jovem, Domingos, Juracy, Aguiar, Quenadi e Maria e aos meus irmãos por parte de pai Ivanete e Vanda.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar força diante de todos os desafios e de alguns problemas que tive que enfrentar durante esta jornada da minha vida.

Aos meus pais, e especialmente à minha mãe Altina Edeltrudes da Silva, por ter me dado força durante esse tempo.

Aos meus irmãos, Juracy, Domingos, Jovelino, Divanir, Maria Aparecida, Divina e Vanessa.

À professora Regina Coelly, por ter me orientado durante todo o meu período acadêmico, mas, em especial, por ter me auxiliado no caminho deste trabalho acadêmico, com o objetivo de me ajudar nessa longa caminhada.

Às professoras orientadoras da banca de qualificação do projeto de pesquisa: Osanette e Sissi, que deram grande apoio, junto às minhas pesquisas e a confecção de meu trabalho.

Aos meus queridos filhos, que são as coisas mais importantes da minha vida, Lucas Camila, Jheniffer Kelle e Douglas, que, com muita coragem, enfrentaram esta jornada para minhas conquistas.

Aos meus queridos amigos Cristiana, Esterina, Maria Divina, Raquel, Vanessa, Cássia e Nivaldo, que contribuíram dedicando seu tempo para a realização deste trabalho tão importante para minha vida.

À minha querida amiga Anne, que me ajudou nessa tão longa caminhada, obrigada por tudo.

Em especial às minhas tias Luzia, Tereza e Nutinha, por ter me dado força para me inscrever e fazer a prova. Obrigada, queridas da minha vida.

Por fim, agradeço a todos os professores e aos funcionários da UnB, que com sua disposição e trabalho, contribuíram para o bom êxito deste período de minha vida.

A todos, minha sincera gratidão.

A educação   a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.

Nelson Mandela

RESUMO:

Este trabalho visa analisar a evasão escolar das jovens da comunidade kalunga Diadema, localizada no município de Teresina - GO, mostrando as dificuldades e os problemas que contribuíram para essa evasão das instituições escolares. Nas entrevistas, realizadas com 20 jovens quilombolas, somente seis foram selecionadas para a realização deste trabalho, pois, no que se referem às questões da evasão escolar das jovens kalungas, as características dessas representam o perfil de todas. Para realização da pesquisa, foram utilizadas as seguintes metodologias: etnográfica, qualitativa e estudo de caso. Esta investigação é baseada nas questões apresentadas por Moura (2007), Carneiro (2005) e Abramo (2005), que abordam a temática da evasão escolar da juventude rural e destacam as fundamentações teóricas do sistema ensino. Este trabalho contribui para identificar as causas e as consequências que levaram à evasão escolar dessas jovens nas instituições escolares do território kalunga da comunidade Diadema. Esta monografia faz um breve levantamento de todos os apuramentos concluídos, abordando a evasão escolar das meninas da comunidade Diadema. Conclui que o maior índice de evasão escolar ocorre nas zonas rurais, refletindo a saída das jovens da comunidade Kalunga.

Palavras-chave: Evasão escolar. Juventude. Kalunga. Diadema.

ABSTRACT:

This work aims to analyze the dropout of girls from Kalunga Diadema community, located in the city of Teresina - GO, showing the difficulties and problems that contributed to this avoidance of schools. In interviews conducted with 20 young Maroons, only six were selected for this work because, as they relate to issues of truancy of Kalunga young, these characteristics represent all profile. ethnographic, qualitative and case study: To conduct the survey, the following methodologies were used. This research is based on questions presented by Moura (2007), Ram (2005) and Abramo (2005), which address the issue of truancy rural youth and highlight the theoretical foundations of the education system. This work helps to identify the causes and consequences that led to dropout of these young people in schools Kalunga the territory of Diadema community. This paper makes a brief survey of all completed clearance, addressing truancy of Diadema community girls. Concludes that the highest dropout rate occurs in rural areas, reflecting the departure of young people from the Kalunga community.

Keywords: Evasion school. Youth. Kalunga. Diadem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	14
1.0 METODOLOGIA DA PESQUISA	14
1.1 DIADEMA: HISTÓRIA, SOCIEDADE E ECONOMIA	16
CAPÍTULO II	20
2.0 AS JOVENS KALUNGAS DE DIADEMA: ASPECTOS DE HISTÓRIA DE VIDA	20
2.1 HISTÓRIAS DE VIDA DAS ENTREVISTADAS	21
CAPÍTULO III	26
3.0 JUVENTUDE RURAL	26
3.1 POSSÍVEIS MOTIVOS DA EVASÃO ESCOLAR DAS JOVENS DA DIADEMA	29
CAPÍTULO IV	33
4.0 AS JOVENS KALUNGAS DE DIADEMA E POSSIBILIDADES DE ENFRENTAMENTO À EVASÃO ESCOLAR	33
4.1 IDENTIDADE CAMPONESA	36
4.2 O PAPEL DA EDUCAÇÃO DO E NO CAMPO E AS TRANSFORMAÇÕES POSSÍVEIS	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	44
ANEXOS	47
APÊNDICES	48

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem forte relação com a experiência vivenciada pela pesquisadora/autora, que é da comunidade Diadema e vivenciou muitas situações e dificuldades, como jovem, na referida comunidade. A partir dessa vivência, e por observar que muito pouco mudou, decidiu propor um estudo para refletir sobre essa problemática entre as jovens da comunidade.

A comunidade Diadema faz parte do quilombo Sítio Histórico Kalunga, que foi criado pela Lei Nº19 de 05/05/1996, de 05 de maio de 2001. Essa comunidade de negros foi originalmente formada por descendentes de escravos que fugiam das minas de ouro. (MOURA, 2007). Toda a área que eles ocupam foi reconhecida, oficialmente, em 1991, pelo governo do Estado de Goiás, como sítio histórico que abriga o patrimônio histórico e cultural brasileiro (PRADO, 2001).

Hoje, a comunidade é constituída, aproximadamente, por 465 famílias, unidas por laços de parentesco, formando verdadeiros núcleos familiares, que dividem o mesmo território entre pais, irmãos, tios e avós.

Os antigos moradores, que viviam no lugar, resolveram colocar o nome Diadema devido a uma planta da região que se chama Canela de Ema. A comunidade Kalunga Diadema encontra-se entre os vãos da serra geral, parte ocupada pelo Rio Paranã e seus afluentes, aborda da chapada dos veadeiros, situada a 45 km da cidade de Teresina de Goiás, localizada ao lado da GO 118. Este quilombo faz parte da bacia hidrográfica de Tocantins, localizada em uma área feita de drenagem, uma transição entre os climas, que predomina os cerrados intercalados de matas, onde exuberantes faunas se encontram.

Nesta comunidade, a maioria das jovens sonha com um futuro melhor. Entretanto, para isso ocorrer, é necessária uma formação profissional adequada, contudo, as dificuldades de qualificação profissional, dentro da comunidade ou mesmo do município, levam estas jovens a sentir os problemas dessa falta de formação e de inserção profissional no mercado de trabalho.

Os jovens ainda estão em contato constante com a comunidade e recebem a cultura dos antepassados, por meio de seus pais e avós, ou responsáveis mais idosos. Existe união e respeito às tradições e à identidade cultural do povo Kalunga, mas muitos não querem mais a vida do trabalho no campo.

Os jovens da comunidade enfrentam muitas dificuldades: distância das escolas (o período em que ficam em aula e seu retorno para Diadema perfaz um total aproximado de oito horas, isso sem contar os frequentes imprevistos que ocorrem); dificuldade com transporte;

acesso precário à saúde; falta de oportunidade de emprego e lazer; e, ausência de serviços que contribuam na formação do cidadão. Tudo isso tem causado preocupação na permanência dessas jovens na comunidade.

Para muitos, a alternativa é sair da comunidade e viver distante das famílias, nas cidades grandes, de preferência Brasília e Goiânia. As dificuldades existentes na comunidade Diadema são várias, e é, em grande parte, devido a essas dificuldades que essas jovens acabam por desistir dos.

De fato, essa desestruturação tem tirado a oportunidade de desenvolvimento social e de vida dessas jovens. Cedo desistem dos estudos. Consequência disso, elas casam-se muito novas, engravidam e acabam resumindo suas leituras de mundo às peculiaridades da comunidade, que está impregnada na lógica da comunidade e em parte da sociedade como algo normal que acontece na vida de cada jovem deste país.

O fluxo de saída dos jovens de Diadema, tanto homens quanto mulheres, em busca de melhores condições para sobreviver e ajudar na sobrevivência de suas famílias é muito alto e frequente. Eles e elas vão embora para as cidades e as capitais em busca de melhorias de vida. Aqueles que ficam, nem sempre querem dar continuidade à tradição do trabalho agrícola-familiar da comunidade.

No que concerne às jovens de Diadema, as dificuldades são ainda maiores. Na cultura quilombola kalunga, as meninas têm muito mais responsabilidades do que os meninos. Junto à família, elas têm a responsabilidade de atender às necessidades da casa, e a divisão dos trabalhos domésticos não é compartilhada com os rapazes. Elas têm de cuidar dos mais novos; cuidar da casa; e isso envolve providenciar a lenha e a água.

Acrescenta-se, também, o trabalho doméstico em algumas casas da comunidade. Segundo elas, o tempo é muito curto e a distância complica na jornada das meninas até a sede escolar (45 km da comunidade até chegar à cidade). Isso ocasiona obstáculos nos estudos delas, como a questão de ter filhos cedo, o dificulta ainda mais, visto não ter alguém que cuide das crianças para estas jovens frequentar a instituição escolar.

As jovens kalungas, quando não vivem com seus pais, moram sozinhas ou com os seus filhos. Não possuem um futuro profissional nem possibilidades de ganho financeiro para suprir as necessidades suas e de sua família, por isso, levam uma vida muito precária. Esse estilo de vida leva-as a desistir do sonho de estudar; muitas não chegam sequer a concluir o Ensino Fundamental, antes disso abandonam a escola.

Assim, este trabalho surgiu da observação e vivência dessas dificuldades enfrentadas pelas jovens em fase escolar, principalmente das meninas da comunidade. O estudo é

centrado, principalmente, nas jovens da comunidade Diadema, visto que não há, para elas, outra escolha a não ser uma vida “sofrida”, “podada” e sem acesso ao conhecimento acadêmico.

O objetivo geral da pesquisa é registrar e compreender os fatores que contribuem para a evasão escolar das jovens Kalunga de Diadema e quais os impactos sobre o desenvolvimento da comunidade.

Os objetivos específicos são: registrar as condições de vida das jovens de Diadema; identificar a relação das jovens com a vida escolar; identificar a relação das jovens com suas famílias; identificar potencialidades das jovens de Diadema que precisam ser fortalecidas. A intenção é, a partir do diagnóstico, apresentar para as jovens da comunidade a importância do estudo em sua formação e para suas vidas.

Diante da análise, será possível identificar quais as contribuições que podem ser dadas à comunidade Diadema, em prol da superação das dificuldades vivenciadas pela juventude, e estimulando processos em torno da identidade Kalunga, já que muitas jovens têm renunciado não só os estudos, mas também à sua própria comunidade.

Como estudante da Licenciatura em Educação do Campo, foi possível reconhecer a necessidade de mostrar aos jovens da comunidade Diadema que, mesmo com todas as dificuldades encontradas para a permanência do campo, é preciso organizar-se para lutar pelos nossos direitos; mesmo com os problemas, podemos mudar a realidade, fazendo com que o campo, seja um lugar acolhedor, com expectativas de uma vida melhor, sustentável, para os jovens e adultos que nele vivem.

Para nortear esta pesquisa, fizemos a seguinte indagação: Que fatores levam as jovens da comunidade Diadema a desistir dos estudos e quais são os impactos dessa condição para a comunidade de Diadema? Quais outros fatores contribuem para a evasão escolar das jovens?

Discutir essa situação de desestruturação da juventude rural de Diadema é fundamental, pois, isso tem tirado a oportunidade de desenvolvimento social e de vida dessas jovens e da comunidade local. Muitas desistem ainda muito cedo dos estudos: casam-se, engravidam e resumem suas vidas a uma condição muito precária na comunidade, desistindo dos seus sonhos e desejos de uma vida melhor.

CAPÍTULO I

1.0 METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa vem sendo realizada desde 2014, quando iniciei as atividades do Tempo Comunidade (TC), como estudante da Licenciatura em Educação do Campo. Durante esse período, vêm sendo realizadas atividades de observação e de entrevistas com os moradores da comunidade, sendo eles jovens e adultos.

Segundo Abramo (2005, p. 42), “os jovens rurais correspondem a uma situação particular no conjunto dos jovens brasileiros”. Assim, o primeiro passo foi identificar o tipo de vida que as famílias levavam, reconhecendo o seu contexto histórico e suas práticas culturais, entre outras questões.

A metodologia buscou embasamento teórico na pesquisa qualitativa, com estudo de caso. A pesquisa qualitativa ajuda no processo de produção do trabalho, envolvendo e juntando os elementos que possibilitaram, com uma pesquisa de qualidade e responsabilidade, ao pesquisador identificar o contexto pesquisado e obter mais informação do depoente, para, assim, melhor organizar seu trabalho.

De acordo com Trujillo (1982 p.188), a pesquisa de campo propriamente dita “não deve ser confundida com a simples coleta de dados (este último corresponde à segunda fase de qualquer pesquisa); é algo mais que isso, pois exige contar com controles adequados e com objetivos preestabelecidos que discriminam suficientemente o que deve ser coletado”.

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queria comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Nesse caso, ao entrevistador é dada a possibilidade de receber e armazenar narrativas e apresentações no contexto temporal e sequencial desta.

Em um exemplo malsucedido, a situação assume a forma de uma caricatura, que Kreissle Wolfersdorff – Ehlert (1985, p.103) descreve como um “pedido paradoxal (...) Não quero nada de você, só me conte sua história.” Segundo Manning (1979, p. 668 *apud* NEVES, 1996):

O desenvolvimento de um estudo de pesquisa qualitativa supõe um corte temporal-espacial de um determinado fenômeno por parte do pesquisador. Esse corte define o campo e a dimensão em que o trabalho desenvolver-se-á, isto é, o território a ser mapeado. O trabalho de descrição tem caráter

fundamental em um estudo qualitativo, pois é por meio dele que os dados são coletados.

A escolha deste método teve como objetivo obter conhecimento científico do mesmo, levando em conta a realidade histórico-social da comunidade Diadema.

A entrevista foi a principal técnica utilizada para obtenção dos dados. Por meio de um roteiro com perguntas abertas, foi possível levantar informações que esclareceriam a real situação sociocultural da comunidade de Diadema, em especial a das jovens que possuem faixa etária entre 15 e 22 anos.

O critério para a entrevista foi um grupo de jovens mulheres, pois, é alto o índice de abandono os estudos para viverem a vida (sofrida) da comunidade de Diadema. Foram entrevistadas vinte jovens da comunidade: 10,9% das jovens têm de quatro a cinco filhos; a partir dos 15 anos, muitas já são mães; é comum interromperem os estudos no Ensino Fundamental, essa interrupção dá-se tanto pela falta de recurso quanto pela necessidade de cuidar dos filhos.

Dentre as entrevistas realizadas, foram selecionadas para este estudo apenas seis relatos, pois esses têm como características as situações comuns que montam o quadro vivido pela maioria delas, exprimindo a realidade vivenciada pelo grupo. Para preservar a privacidade destas jovens mulheres, não apresentamos seus nomes, mas atribuímos-lhe números correspondentes à ordem de realização das entrevistas.

A memória, ao registrar experiências de mulheres e homens, reconhece sua condição fundamental para a história. Para tanto, houve a necessidade de adotar, como metodologia para (re) construir o passado daqueles sujeitos, a história oral, por meio da qual eles contavam seus saberes e fazeres, antes silenciados e relegados ao esquecimento, através de um resgate feito pela memória que os tornavam “sujeitos históricos”.

Dessa forma, é possível reconhecer a história em suas inúmeras dimensões e verificar a relação entre história, memória e identidade. A história oral ajuda na compreensão dos estudos e no reconhecimento da memória das pessoas, desencadeando os elementos que estão guardados nos seus inconscientes, despertando suas memórias.

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fonte e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais (ALMEIDA, 2006).

Para Walter (1987, p.225), as múltiplas interpretações, trazidas pela memória de inúmeros tipos de sujeitos, é o que realmente interessa como desafio, para a história e, assim,

quebra-se, ao mesmo tempo, tanto o “conformismo” das ideias concretizadas em determinadas visões, como constrói alternativas para romper o silêncio dos oprimidos, tentando criar outra história possível.

No entanto, essa reconstrução, segundo Walter (1987), não se baseia na cópia fiel do passado tal como foi, mas sim, com a função de resgatar as esperanças e, também, “os sonhos e os desejos” que não foram concretizados (MAGALHÃES, 1997, p.22 *apud* SARAIVA, 2010), dando a eles “liberdade”, a fim de tentar realizá-los, ou, através deles, apelar por um futuro diferente. “Neste ato de construir memória, dando oportunidade de outras histórias serem registradas, uma ação que dá à história o “caráter” plural e democrático”. Segundo Magalhães (1997, *apud* SARAIVA, 2010) todos os sujeitos, independentemente de sua classe social, etnia, raça e cor, veem as suas experiências registradas como parte importante da história. E, assim, a história exerce a função de traduzir verdade e não de “dizer a verdade” como uma “bola de cristal”.

1.1 DIADEMA: HISTÓRIA, SOCIEDADE E ECONOMIA

A comunidade Diadema tem cerca de duzentos anos. Sendo formada, então, por “negros que foram escravizados pelos portugueses” (MOURA, 2001, p. 120). O território, que hoje pertence ao estado de Goiás, no final do século XVII, começou a ser tomado pelos colonizadores portugueses. Em 1500, esses colonizadores nutriam a expectativa de enriquecer com o comércio de produtos da terra que pudessem interessar aos fregueses europeus. O Pau Brasil, cuja espécie deu origem ao nome do nosso país, por ter boas qualidades, logo começou a ser explorado e exportado pelos colonizadores.

Todavia, as terras férteis do Brasil, com vegetação exuberante e bastante vasta, logo foram observadas pelos colonizadores que, aproveitando a abundância da terra, iniciaram o plantio de cana para produzir o açúcar, que podia ser vendido muito caro na Europa. “Para plantar cana e produzir açúcar, no entanto, era preciso muita mão de obra, então os negros foram escravizados pelos portugueses” (MOURA, 2001, p.120).

Os bandeirantes eram grandes fornecedores de mão de obra escrava para as plantações. A substituição da mão de obra indígena foi estimulada por decisões do rei de Portugal, que passou a favorecer os ricos comerciantes portugueses, donos dos navios que faziam as viagens transatlânticas e que controlavam o comércio de escravos da África para Europa. “Ele concedeu monopólio à exportação desses escravos e incentivou os plantadores de cana a comprar mais escravos africanos do que indígenas, dispensando os senhores de

engenho de pagar parte dos impostos pela exportação desses escravos” (MOURA, 2001, p. 120).

Diante dessa nova realidade, já não era mais vantajoso explorar os indígenas nativos, pois podiam ir buscar os negros da África. Assim começou a história dos antepassados do povo Kalunga das comunidades desta região, entre essas está Diadema.

No final do século XVII e começo do século XVIII, os bandeirantes, finalmente, conseguiram encontrar muito ouro nas terras do interior do Brasil. O ouro existia em grande quantidade, e as terras, onde foi descoberto, passaram a ser chamadas de Minas Gerais. “A febre do ouro tomou conta também do estado de Goiás” (MOURA, 2001, p.120).

Havia muita riqueza, mas para que o lucro fosse grande, era preciso continuar explorando com mão de obra escrava. Os negros eram capturados na África, e muitos morriam durante esta captura. Os sobreviventes eram embarcados nos navios negreiros com destino ao Brasil. O sofrimento, que começava em suas terras, continuava no Brasil, com maus tratos e violência. Por isso, revoltas de escravos eram comuns. Muitos africanos, fugindo destas condições de trabalho escravo, se esconderam em lugares de difícil acesso, por toda parte no Planalto Central brasileiro, e um desses lugares foi na Chapada dos Veadeiros, formando quilombos (MOURA 2007).

Os senhores de escravos contratavam homens, chamados capitão do mato, para capturar os negros fugidos. Os que eram pegos de volta sofriam ainda maiores castigos. Os que conseguiam fugir desta captura adentravam ainda mais em lugares de difícil acesso. Então, a partir disso, eles foram criando comunidades chamadas quilombos, e seus moradores eram conhecidos como quilombolas. Esses quilombos formam hoje as comunidades Kalunga, localizadas nos três municípios de Goiás: Teresina, Monte Alegre e Cavalcante.

O termo Kalunga, segundo Baiocchi (2001), tem um significado que envolve o sentimento de território, sendo considerado um lugar sagrado, e ainda uma planta que nunca seca, a *Simaba Ferrugínea*, que representa o poder e a ancestralidade, valorizando a memória dos antepassados africanos, que primeiro se arraigaram naquelas terras, transformando o espaço geográfico e fortalecendo sua identidade.

Em 1991, toda a área ocupada pelos Kalungas foi reconhecida oficialmente pelo governo do estado de Goiás como sítio histórico Kalunga, parte essencial do patrimônio histórico e cultural brasileiro (MOURA, 2007). O fato tem como marco legal a Constituição Federal de 1988, no artigo 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, que concede aos remanescentes de comunidades quilombolas o reconhecimento de propriedade definitiva, dando-lhes os respectivos títulos.

Diadema é considerada uma comunidade quilombola, reconhecida como Kalunga. Situada no município de Teresina de Goiás, ao norte do Estado, a uma distância de cerca de 580 km de Goiânia. Hoje, a comunidade é constituída por famílias de descendentes africanos, e seus integrantes orgulham-se de sua condição de quilombolas e se denominam Kalungueiros.

As economias da vida social, nessa comunidade, são oriundas do plantio na roça, feito em coletividades pelos familiares, pai, tio, filhos e netos. Outras fontes de renda são: Bolsa Família, aposentadoria por idade e deficiência e agricultura familiar. São esses fatores que ajudam na economia do povoado da comunidade Diadema.

Essas poucas fontes de renda justificam-se pelo fato de as políticas públicas não chegarem até os camponeses. Eles são excluídos dos bens que têm direito, como saúde, escola e uma educação de qualidade. Os trabalhadores são alienados, norteados e incluídos, pela educação capitalista, renegada aos sujeitos do campo.

Atualmente a agricultura familiar vem sendo o centro das atenções por ser um meio alternativo de desenvolvimento para a zona rural, a qual tem capacidade de diminuir espaço, as desigualdades sociais e econômicas e o mau uso dos recursos naturais disponíveis a sociedade rural, bem como, torná-la mais resistente aos grandes mercados e torná-la mais eficiente quanto a sua produtividade (SILVA *et al*, 2006, p. 2).

Silva (2006) destaca a intenção da redução do êxodo rural, já que o Brasil tem um histórico de carência de políticas públicas voltadas à área rural, ao fortalecimento da agricultura familiar, e à falta de incentivo/atrativo à permanência de homens/mulheres sejam jovens, adultos, crianças, idosos no campo, o que vem contribuindo para que a população urbana cresça, a cada ano, em um ritmo acelerado.

A escola tradicional torna os saberes locais invisíveis, considerando-os sem validade. A relação escola e comunidade deve incluir ações políticas na luta pela terra com a luta pela Educação do Campo e pela garantia de direitos (campo/educação).

Os desafios da escola e comunidade são de estudar as apropriações de tecnologias de base agroecologia, adaptadas à agricultura camponesa local e territorial, e identificar as variedades de sementes crioulas, organizando banco de sementes para suas subsistências; e criar uma socialização ou vivência de relações sociais, cooperação, valores, para formar sujeitos conscientes de transformações.

Esse foco para a agricultura familiar visa, além de melhorar a qualidade de vida na zona rural (diminuindo a pobreza, gerando desenvolvimento local,

etc.), aumentar a produção de alimentos no país fazendo com que a economia se torne mais concreta, já que a agricultura é um dos principais setores da economia e a população cresce cada vez mais, tornando o país um pouco mais independente e cada vez mais forte no cenário mundial (SILVA *et al*, 2006, p. 2).

Este trabalho está organizado em três capítulos, antecidos pela introdução, que apresenta uma abordagem geral do trabalho, e sucedidos pelas considerações finais, que são as nossas considerações sobre o processo de pesquisa. No primeiro capítulo apresentamos a metodologia da pesquisa e contextualiza a comunidade Diadema. No segundo, trazemos gêneros das jovens kalunga de Diadema, ressaltando os aspectos das suas vidas. No terceiro, apresentamos a base teórica que trata da juventude rural. No quarto, abordamos as possibilidades de enfrentamento da evasão escolar; destacados os problemas referentes à identidade. Apontamos, ainda, o papel da Educação do Campo e no campo e as possíveis transformações que apresenta.

CAPÍTULO II

2.0 AS JOVENS KALUNGAS DE DIADEMA: ASPECTOS DE HISTÓRIA DE VIDA

O perfil das jovens da comunidade Diadema é comum das comunidades rurais em geral, no entanto, com algumas características próprias. Essas jovens são descendentes dos antigos moradores da região, são quilombolas que têm, nessa cultura, referência de comportamentos, crenças e costumes. Já na infância, aprendem a Sussa, dança de origem Kalunga que faz parte da sua cultura, e, também, adquirem outros conhecimentos populares e experiências dos antepassados, que são repassados para elas.

Aprendem a variação linguística da comunidade com os mais velhos, assim, entre eles e elas, há um jeito peculiar de se comunicar, com palavras diferentes, gestos, expressões e dizeres próprios do povo Kalunga. Por muitas vezes, essa forma de se comunicar vai além da comunidade, visto que os moradores que ali chegam, vindos de outras localidades, aderem, parcialmente, a essa variação linguística, adquirindo um novo jeito de falar.

Aos 15 anos, aproximadamente, essas jovens já constituem família, geralmente, com membros da própria comunidade e, por muitas vezes, parentes, como primos de primeiro ou segundo grau. Cedo aprendem a lidar com o plantio de arroz, mandioca, milho, abóbora e feijão de corda. O plantio é feito para o sustento da comunidade, em forma de organização coletiva, e, ainda hoje, muitas famílias da comunidade cultivam desta forma. As meninas estão presentes no momento do plantio, aprendendo o que no futuro deverão fazer.

Os dados, coletados durante a pesquisa, que foi realizada em 2014, no Colégio Estadual Joaquim de Souza Fagundes, localizado no centro da cidade de Teresina de Goiás, apresentam as vozes de 13 jovens estudantes, pertencentes à Comunidade Diadema, que se enquadram no perfil de faixa etária da pesquisa inicial. Essas jovens estudam no turno vespertino, algumas, ainda lactantes, têm de levar seus filhos junto com elas para as salas aulas.

Esses dados foram comparados com os registros do agente de saúde da comunidade, que colaborou com relevantes informações para este estudo. Com a soma dos dados, verificou-se que há jovens que têm uma responsabilidade maior por ser mãe de mais de uma criança, outras com filhos ainda em fase de amamentação, conforme já mencionado.

As informações coletadas serviram como base para novos questionamentos, uma vez que muitas jovens migram para os grandes centros, muitas vezes deixando seus filhos aos cuidados dos avós, em busca de condições financeiras e conquista de emprego nesses locais.

Sendo que boa parte destas meninas que migram, retornam, todos os anos, à comunidade para participar dos atos culturais, como, por exemplo, festejos religiosos e rezas tradicionais da comunidade Kalunga (Nossa Senhora da Abadia, Nossa Senhora da Aparecida, Santo Reis, Santo Antônio e São João).

Percebe-se, assim, que há um apego às suas origens e predileção delas pela vivência na comunidade, ou seja, essas meninas sentem uma necessidade de viver os momentos culturais de sua comunidade, porém, não somente nesses momentos.

Se fosse possível garantir o sustento dentro da comunidade, muitas nem mesmo teriam migrado para os grandes centros, ocorrência comum na comunidade. Mas, como se sabe, a realidade não é esta. Após saírem da comunidade, há muitas jovens que desejam retornar, mas não conseguem, pois as dificuldades financeiras são encontradas, também, nas cidades. Às vezes, a zona urbana não oferece uma boa oportunidade para estas jovens, e elas acabam frustradas pelos atropelos da vida, com isso se isolam da sociedade e dos conhecimentos que lhes pertence por direito.

2.1 HISTÓRIAS DE VIDA DAS ENTREVISTADAS

A **Entrevistada 1** tem 22 anos, nasceu e foi criada no campo, e desistiu dos estudos, no 5^a ano do Ensino Fundamental. Teve seu primeiro filho aos dezesseis anos de idade. Segundo ela, esse foi um dos motivos para sua evasão escolar. Outro, foi a necessidade de manter sua família, visto não ter marido. O cuidar dos filhos, da casa e a necessidade de manter financeiramente a família, tomava-lhe todo o seu tempo. Assim, ela renegou os estudos por falta de perspectiva de mudança em seu cotidiano. Em seu depoimento diz: “desisti dos estudos porque não dou conta de cuidar das crianças, manter a casa e estudar, não sobra tempo”. Acrescentou: “não vejo futuro pro estudo na minha vida, porque acho que já é tarde pra isso”.

A **Entrevistada 2** tem 22 anos, é nascida na comunidade Diadema e mora lá até hoje. Considera sua infância boa, como ela mesma diz: “minha infância foi muito boa, porque eu era uma menina que gostava de brincar, correr e me divertia com meus irmãos e, aqui, na comunidade, é um lugar onde qualquer criança pode brincar, é muito sossegado.” Segundo ela, sua mãe, apesar de ter problemas psicológicos, a incentivava a estudar, mas ela admite que não deu o devido valor aos estudos, abandonado a escola no quinto ano do Ensino Fundamental.

Sabia que os estudos seriam importantes para seu futuro, todavia, parou mesmo assim. Ela confessa: “quando a gente é criança não dá muita importância no que os pais dizem. Como eu já tinha dez anos, e minha irmã já tinha se casado, pensava que já era dona do meu próprio nariz. Eu achava que o estudo era uma boa oportunidade para mim, mas eu não gostava muito de estudar”.

Quando, aos treze anos, pensou em voltar aos estudos, ficou grávida. Por um ano, morou na sede da cidade, com o pai da criança. Entretanto, a união não deu certo, e ela voltou para a comunidade, para casa de sua mãe. Com o tempo teve mais um filho. “Quando completei treze anos pensei em voltar estudar, mas aí fiquei grávida e tive meu primeiro filho.” Agora, moram ela e os filhos na comunidade, devido a isso, não vê situação para voltar a estudar.

A **Entrevistada 3** tem 20 anos, nasceu na comunidade Vão de Alma, mas mudou-se para comunidade Diadema, com sua família, para poder estudar, pois, naquela época, nesta comunidade havia a possibilidade de estudo na Educação Infantil.

Abandonou os estudos no Ensino Médio, no 2º ano, o motivo foi o seu casamento. Apesar de ela ter possibilidades de voltar aos estudos e de contar com o incentivo do cônjuge, seu interesse pelos estudos acabou. Ela diz: “quando me casei, mudei com meu esposo para uma cidade grande e perdi o interesse de estudar, até hoje não vejo motivo para voltar a estudar. Nunca pensei em fazer faculdade, nem nada. Sinto-me feliz assim”.

A **Entrevistada 4** nasceu no território Quilombola, tem 27 anos é casada e tem dois filhos já adolescentes. Devido às dificuldades de acesso à escola, interrompeu os estudos na segunda série do Ensino Fundamental. Na fase adulta, não retomou os estudos, pois precisava trabalhar para cuidar dos filhos, já que o pai das crianças a abandonou, com os filhos, ainda muito jovem. Explicou que não retorna aos estudos devido ao cansaço e à idade que possui, declara: “tenho quase trinta anos, não tenho mais jeito para passar o dia sentado no banco da sala, sabendo que tenho muita coisa para fazer em casa. Prefiro deixar o estudo pros meus filhos fazer, porque tão com a cabeça mais fresca”.

A **Entrevistada 5** tem 20 anos, nasceu na comunidade Vão de Alma e, aos nove anos, mudou-se, com a família, para a cidade. Ali permaneceu por um determinado tempo. Após o assassinato de seu pai, a família voltou para a comunidade, com a avó. Neste período, ela

tinha 10 anos e, tanto ela quanto seus irmãos, precisavam trabalhar na roça. Sua avó não os deixava visitar sua mãe, sofreram muito com isso.

Aos 12 anos, parou os estudos e casou-se com um primo, logo engravidou. Pensa em voltar aos estudos, porém, isso ainda é um projeto. Ela nos conta: “Eu estudava de manhã, tinha que cuidar dos pequenos quando eu voltava da escola. Quando completei doze anos, quis me casar. Não concluí meus estudos, porque me casei só para sair da casa da minha vovó, porque não aguentava mais morar com ela”.

Após me casar, logo fiquei grávida, e larguei meu marido porque eu não gostava dele, e fui morar com minha mãe querida, que me ajudou a cuidar do meu filho. Ainda estou morando com ela, meus três irmãos ainda estão com minha vó, pois minha mãe não tem coragem de tomá-los, dela (ENTREVISTADA 5).

A **Entrevistada 6** tem 30 anos, nasceu na comunidade Kalunga de Vão de Almas e, somente aos onze anos de idade, começou a estudar, na cidade de Teresina de Goiás. Aos doze anos, após concluir a primeira série do Ensino Fundamental, interrompeu seus estudos e voltou para Vão de Almas, onde a família morava. Após um ano, foi morar em Brasília, com uma família, onde trabalhava e estudava.

Permaneceu com essa família, estudando, por mais ou menos dois anos, quando concluiu a segunda série. Devido à saudade da família, resolveu voltar para casa dos pais, porém, já não mais acostumava com o ritmo de vida da comunidade, um lugar muito “pacato”, bem diferente de Brasília (uma cidade agitada, com muitos comércios e facilidade, divertimento, entre outras atividades que tinha “acesso”). Decidiu ficar indo e voltando, da comunidade para Brasília, trabalhando de doméstica. Ela diz: “e, assim, meus estudos foram interrompidos”.

Aos treze anos, voltou a estudar. Conheceu um jovem e começaram a namorar. Àquela época, os pais eram mais restritivos neste respeito, para conhecer um rapaz tinha que ter a permissão dos pais. Ele pediu-a em namoro, aos pais, e namoraram durante quatro anos. Isso não foi motivo para ela deixar os estudos, pois gostava muito do que aprendia na escola.

Todavia, como eram muito jovens, terminaram o namoro. Estava, nesta época, com dezesseis anos. Ao conhecer o pai do seu primeiro filho, ela largou os estudos, emprego, objetivos, enfim, tudo, para ir atrás de um amor. A relação foi cercada de surpresa e decepção, ela a abandonou quando ela ficou grávida. Aos dezessete anos teve seu primeiro filho, um parto difícil, tanto ela quanto a criança correram sérios riscos de morte. Isso causou um trauma que durou dois anos.

Uma vez superado, o trauma tornou-se uma lição para toda vida. Quando seu filho completou um ano, ela pediu à sua mãe que tomasse de conta dele, pois ela iria voltar a trabalhar e estudar, em Brasília, a fim de suprir as necessidades básicas tanto dele quanto dela, pois, sabia que sem estudo não poderia oferecer muito, e talvez nem pouco.

Por observar que seria mais conveniente à família uma mudança de localidade, mudaram da comunidade Vão de Almas para a comunidade de Diadema, onde já havia mais possibilidades para dar sequência aos estudos, tanto dela quanto dos irmãos. Passaram-se quatro anos, até que esta jovem retornasse à escola. Durante este período de quatro anos, a jovem trabalhava na sede do município, em Teresina de Goiás, numa casa de família. Como já tinha três filhos, não podia mais estudar, pois precisava sustentá-los, já que não era casada.

Todavia, a retomada do primeiro ano do Ensino Médio, no Telecurso 2000, foi muito difícil, pois estava grávida do quarto filho. Terminou em resguardo com o filho caçula nos braços. Em seguida, ficou sabendo do estudo, à distância, no colégio Polivalente, em Santa Maria – Brasília - DF, com ajuda do cônjuge, matriculou-se e concluiu os estudos.

Essa é a história de vida da menina sofrida, mas muito feliz. Agora, ela está chegando onde sempre sonhou, na universidade. Próximo do momento de realização de um objetivo tão esperado, ela agradece muito a Deus pela conquista. Hoje, com quatro filhos, que são seus grandes tesouros, ainda tem uma constante luta para manter os estudos sem, contudo, negligenciar as responsabilidades como “chefe” de família.

Procurando incentivar seus filhos a dar o devido valor aos estudos, ela é um exemplo para eles, pois sabe quão precioso é o conhecimento escolar e, sem ele, a vida é muito mais difícil. Na condição de mãe, espera que, quando chegar a vez deles, a nossa educação esteja em outro patamar, estruturada na igualdade social. Enquanto isso, ela ensina-os que para haver a conquista do conhecimento é necessário grande esforço.

Em 2010 ela teve a oportunidade e privilégio de passar a fazer parte do grupo acadêmico da LEdoC. Sentiu-se honrada. Era um sonho que começava a se realizar, pois como pude expressar na “HISTÓRIA DE VIDA”, parte integrante da monografia, estar aqui poderia parecer irreal, se considerada a trajetória de vida. De uma forma totalmente reformulada, é assim que posso definir a real situação acadêmica atual.

Os grupos de docentes, com os quais estive durante este período de quatro anos, com seu vasto conhecimento, reforçaram a importância de pertencer a esta comunidade e valorizar a minha origem. Eles orientaram para que o empenho pelo desenvolvimento educacional fosse afetivo e, realmente, pudessem fazer a diferença ali.

Hoje, passados quatro anos de estudos intensivos, estava com uma carga de conhecimento que pode se impelir para frente, buscando um bem comum em nossa comunidade. Hoje, sabe que o “saber” não é seletivo em si, mas que pode buscá-lo ou ignorá-lo, com suas escolhas.

Agora, no último degrau da conclusão da Licenciatura em Educação do Campo, vejo que a escada do conhecimento vai além, porém, isso não me intimida, pelo contrário, interesse-me em caminhar por outros degraus, buscando o conhecimento e o aperfeiçoamento da minha formação. Resta-me agradecer, imensamente, ao corpo docente, pelo empenho de ajudar a galgar até a obtenção deste sucesso.

CAPÍTULO III

3.0 JUVENTUDE RURAL

Esta pesquisa busca compreender um grande problema: a evasão escolar da juventude da Comunidade Diadema. Esse não é um problema que ocorre somente em Diadema, ou no Estado de Goiás, e sim no Brasil, atingindo a uma grande parte da juventude rural brasileira. Pode-se atribuir, como um dos fatores responsáveis por tal situação, a falta de trabalho, de formação, ausência de políticas públicas (CASTRO, 2007).

Esta pesquisa busca identificar o motivo da evasão desses jovens, mais especificamente as jovens, verificando a quantidade que permanecem na comunidade e, ao mesmo tempo, os motivos que as fizeram sair, no intuito de avaliar a importância da permanência dos jovens no campo.

No que tange à busca em compreender a categoria juventude rural, Stropasolas (2005, p. 7) observa:

A maior parte dos autores não hesita em colocar em relevo as dificuldades conceituais em definir a categoria juventude; outros se interrogam explicitamente sobre a legitimidade de fazê-lo e expõem os limites do empreendimento: crítica da posição do sociólogo, daquela do interveniente, daquela de toda uma geração que julga a juventude a partir de si própria, submetendo-a aos critérios de sua própria precariedade. Abordar teoricamente a juventude representa um grande desafio, na medida em que esta categoria, utilizada de maneira genérica e sem rigor analítico, pode vir a ser sociologicamente problemática. A sociologia da juventude, desprovida de uma tradição acadêmica, ainda continua assunto controverso ou uma temática abordada de viés, enquanto uma questão de família, de educação, de exclusão social, etc.

Este estudo está embasado teoricamente nos autores como Galland (1991) e Mauger (1994), que já discutiram este impasse metodológico. Hobsbawn (1997) considera que a abordagem do conceito de juventude é relativamente recente, sendo encontrado a partir do século XIX. Para Bourdieu (1984, p. 144-45):

A fronteira entre juventude e maturidade é, em todas as sociedades, um jogo de lutas, na medida em que as divisões, seja em classes de idade, seja em gerações, são variáveis e um jogo de manipulações; quer dizer, não são dadas, são construídas socialmente. Segundo esta perspectiva teórica, a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável, e o fato de falar de jovens como de uma unidade social, de um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e transferir estes interesses a uma idade definida biologicamente constitui uma manipulação evidente.

Conforme este autor, seria necessário, ao menos, analisar as diferenças entre as juventudes, pois elas se formam segundo as diferentes espécies de capital – escolar, cultural, econômico, relacional, etc. – de que eles usufruem. Este capital, colocado em jogo, vem regular, senão determinar, a condição de jovem. Mais precisamente: “é um abuso de linguagem formidável subsumir, sob o mesmo conceito, universos sociais que não têm praticamente nada de comum” (BOURDIEU, 1984, p.144-145).

A ideia de Bourdieu (1984) sobre a noção de juventude repercute, ainda hoje, no meio intelectual, gerando uma série de interpretações. Vejamos como outros autores concebem a noção de juventude. Galland (1991) a considera como uma categoria social, historicamente construída, sendo possível analisar a formação e as transformações de suas representações ao longo do tempo, até o paradigma sociológico do século XX.

Para Carneiro (1998) a dificuldade em delimitar com rigor uma categoria demográfica, que se define essencialmente pela transitoriedade inerente às fases do processo de desenvolvimento do ciclo vital, não justifica que recorramos a critérios exclusivamente biológicos, ou mesmo jurídicos, para definir a juventude. Este autor entende que a juventude permanece na situação de invisibilidade, em razão dessa visão estereotipada, que tem dificultado a compreensão da sua complexa inserção num mundo culturalmente globalizado.

Segundo Durston (1994, p. 14-15): “a fase juvenil se caracteriza por uma gradual transição até a assunção plena dos papéis adultos em todas as sociedades, tanto rurais quanto urbanas”. Em seu entender, a juventude vai desde o término da puberdade até a constituição do casal e de um lar autônomo.

Esta realidade é vista em nossa comunidade, mulheres jovens, que já constituíram suas próprias famílias e aquelas que estão ainda em fases anteriores.

Numa longa lista de representações, que refletem bem a extensão, a complexidade e as transformações que têm afetado a noção de juventude, no tempo e no espaço, este conceito emerge tanto como a representação de uma personalidade ou de um indivíduo quanto como um conjunto de pessoas que apresentam a qualidade específica de ser jovem, uma construção histórica ou mesmo um período de indeterminação profissional e matrimonial (TELES, 1999). Ou seja, cada fase histórica tem seu tipo de juventude e seu personagem-modelo ou emblemático. Ligados às demandas dos poderes políticos ou aos interesses dos diferentes produtores de “conhecimento”, estão os pesquisadores, os trabalhadores sociais ou as pessoas engajadas nos movimentos de jovens. Este processo provoca, igualmente, muitas mudanças econômicas, sociais e culturais nas sociedades.

Em realidade, verifica-se uma multiplicidade de designações, que contêm as representações mais importantes do ponto de vista dos que as constroem: as definições devem, pois, variar de uma classe social a outra, no seio de uma mesma classe social, entre gêneros, cidades, entre a cidade e o campo, etc.

Conforme Castro (2005), a imagem de um jovem desinteressado pelo campo e atraído pela cidade não é nova, faz parte da literatura clássica do campesinato, que juntamente com pesquisas mais recentes, tratam a questão como intrínseca ao processo de reprodução social do campesinato.

O êxodo rural, fenômeno em que ocorre o abandono do campo para a cidade em busca de melhores condições de vida, tem apresentado elevados índices de crescimento no Brasil, visto que o campo, para alguns, é sinônimo de atraso tecnológico, relacionado a um modelo de vida extremamente árduo e sem reconhecimento social.

Apesar de pesquisas apontarem para a viabilidade da agricultura familiar, a educação é um dos motivos fundamentais que tem levado ao êxodo dos jovens. Sem qualificação suficiente, o destino dos mesmos é a inserção em empregos de baixa produtividade e baixa remuneração, nos centros urbanos, ou até mesmo o desemprego. Há despreparo em lidar com as terras de baixa fertilidade, escassez de água, deficiência na organização comunitária, dependência externa para questões produtivas e, ainda, a falta de escolarização e o difícil acesso à escola. Segundo Carneiro (1998, p. 1), essa população, normalmente, engrossa as estatísticas dos inativos ou desempregados nos países em que a formalização do mercado de trabalho é mais precisa:

[...] os jovens figuram em categorias intermediárias, sem receber uma qualificação específica: são os “estudantes”, no caso dos de origem urbana, ou os “filhos de agricultores, no caso dos de origem rural. Preenchendo apenas o vazio estatístico formado pelos que ainda não ingressaram na vida ativa, esse contingente da população fica como que à espera de atingir a maioria para se tornar visível e qualificada e ir em busca de novos caminhos.

Percebe-se, em Diadema, que, de fato, os jovens não conseguem enxergar perspectiva de vida no campo. Mas, sabemos, também, que tem se feito muito pouco para que estes jovens sintam desejo de ficar. As políticas públicas são falhas ou inexistentes. Além disso, houve uma mudança no perfil dos nossos jovens. A juventude necessita de conhecimentos para desenvolver atividades e manter-se de forma adequada às suas necessidades básicas no campo, apreciam ser preparados a exercer algo rentável para que possa sobreviver.

Muitas vezes, os jovens não se sentem pertencentes ao meio rural e não conseguem se identificar. Com isso, ocorre o fenômeno da evasão. Algumas vertentes contemporâneas de pensamento se perguntam se a juventude, de maneira geral, existe enquanto realidade social.

Diante desse contexto, este trabalho visou analisar e identificar os diversos motivos pelos quais a juventude da comunidade Diadema evade das instituições escolares e até da própria comunidade. Analisa os resultados dessa evasão a curto e longo prazo, relacionando os processos educacionais e suas contribuições para a permanência destes jovens na zona rural. Isto se faz necessário para que se possa entender o processo que leva a esse fenômeno.

3.1 POSSÍVEIS MOTIVOS DA EVASÃO ESCOLAR DAS JOVENS DA DIADEMA

Inseridos em uma comunidade que não possui energia elétrica, água encanada, tecnologias, acesso à informação, oferta dos anos finais do Ensino Fundamental II (6º ano até o 9º ano) e Ensino Médio, a juventude de Diadema precisa se deslocar até a sede do município, a 50 quilômetros de distância de sua comunidade, numa viagem que dura quase duas horas, quando não há imprevistos. Este tempo poderia ser melhor utilizado se houvesse este nível de ensino na própria comunidade, sendo um dos fatores que contribui para a evasão escolar dos jovens integrantes da comunidade.

Algumas jovens têm o desejo de reiniciar seus estudos, no entanto, a responsabilidade como mãe, muitas vezes com mais de um filho, não apresenta outra opção, a não ser adiar o seu sonho de obter uma formação. Sem uma perspectiva para o futuro, elas perdem, por assim dizer, a esperança de mudar esta realidade. A comunidade Diadema fica a uma distância de aproximadamente 50 quilometro do município de Teresina de Goiás. É um deslocamento longo, que dificulta o acesso a locais onde as jovens poderiam obter parte desta formação.

De acordo com Carneiro e Castro (2007, p.53-78), a escolha dos jovens de viver nas áreas rurais não se refere, unicamente, à razão profissional, mas se fundamenta, igualmente, numa avaliação positiva sobre o próprio modo de vida e sobre os atributos da vida no campo, no que se refere, especialmente, aos vínculos pessoais como lugar, a qualidade da vida local e a qualidade das relações sociais.

Com isso, podemos observar a preferência destas jovens da comunidade Diadema, de se manter perto das suas famílias, assim se sentindo mais seguras, principalmente as jovens que já têm filhos, como não tem estudos e nem profissão, preferem ficar na comunidade

ajudando seus pais na agricultura. Permanecem ali mesmo, sem ter outra opção de vida, deixando os estudos de lado e ficando sem perspectivas.

Deparamo-nos com alguns jovens indecisos na escolha das suas profissões. Alguns jovens almejam o Ensino Superior, no entanto, não o alcançam devido à falta de instituições educacionais especializadas neste nível ensino. Assim, a grande maioria segue o mesmo destino de seus pais: a agricultura.

Abramovay e Camarano (1998 p, 3) registram que “nas últimas décadas incidiu no Brasil um grande esvaziamento nas comunidades, principalmente de jovens em busca de melhores oportunidades de trabalho, com predominância da migração feminina para centros urbanos.” Para Castro (2005), a juventude rural se depara diante de muitos desafios e improbabilidades entre “sair e ficar” das comunidades, porque há uma grande dificuldade no acesso aos estudos no campo, principalmente quando chega ao Ensino Médio.

De acordo com os autores supracitados, os jovens da zona rural, às vezes, pensam em sair de sua comunidade para a sede do município. Mas, como alguns jovens não têm parentes que lá residam, fica bem mais complicada a permanência na cidade, principalmente, por não possuírem uma profissão. É necessário registrar que, de certa forma, a escolha de alguns jovens por viver na sede município ou em outra cidade do interior reitera uma preferência pelo local, próximo e conhecido, porém, esperam, por maiores oportunidades de trabalho e de realização pessoal.

O Censo da Educação Superior (2010) aponta que o número de matrículas, de 2001 a 2010, aumentou em 110,1%, com um total de 6.379.299 matriculados, em 2010, em cursos de graduação – mais que o dobro do número de matriculados em 2001. A pesquisa ainda afirma que isso ocorreu por inúmeros motivos, entre eles, destaca-se a busca por trabalho especializado, decorrente do crescimento econômico no país e das políticas públicas de incentivo ao acesso e permanência no Ensino Superior (ampliação de vagas no FIES, Financiamento Estudantil e o ProUni - Programa Universidade Para Todos, por exemplo). Sinaliza ainda outras modalidades de ensino no cenário contemporâneo, como é o caso dos cursos de menor duração, conhecidos tecnológicos, e das universidades à distância, que apresentam 14,6% do total de matrículas.

Outro dado apresentado pelo Censo 2010 diz respeito à faixa etária dos inscritos no Ensino Superior, tendo os alunos de cursos presenciais uma média de 26 anos, e os de cursos à distância 33, o que sugere que a modalidade de ensino à distância atrai aqueles que já estão empregados e necessitam de uma maior flexibilidade de horários e de oportunidade de acesso ao Ensino Superior, oportunidade negada quando eram mais novos.

Ainda, em relação aos turnos, de acordo com o Censo 2010, de 2000 a 2010 vem ocorrendo um aumento progressivo no número de matrículas em cursos noturnos, com mais expressividade nas instituições privadas, que alcançaram, em 2010, 72,8% das matrículas. Neste mesmo ano, é superior o número de matrículas em relação ao sexo feminino (57,0%) e o mesmo ocorre para o número de concluintes do Ensino Superior (60,9%).

Apesar dessas mudanças, sabemos que no país é baixa a proporção da população na faixa etária de 18 a 24 anos inscrita no ensino superior. Em 2007, segundo a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD), da população nessa faixa etária, apenas 13% estava inscrita no ensino superior. Em relação ao grau de escolaridade da juventude rural, este é 30% inferior ao da juventude urbana. (CUNHA, 2011).

Como ressalta Cunha (2011), a elevação ou não do jovem ao Ensino Superior está igualmente conectado à altura de escolaridade dos pais e à renda da família. “Nesse sentido, o ensino superior público acaba funcionando como o instrumento possível para superar as desigualdades ou para diminuir a iniquidade no sistema educacional” (CUNHA, 2011, p.265).

Vemos, portanto, que são muitas as dificuldades com as quais os jovens se deparam no que se refere ao acesso à educação. Um dos fatores que levam ao desinteresse pela escola é a falta de um estímulo por partes dos familiares, muitos com baixo grau de escolaridade. O desinteresse e desânimo ocorrem de tal modo, que estes interrompem seus estudos.

Os pais, por não ter como sustentar seus filhos, nada podem fazer para impedir que estes o interrompam para poder trabalhar. Com isso, alguns jovens da comunidade doam sua vida ao campo, pois existe uma ansiedade nestes em buscar a própria independência financeira através do trabalho remunerado em algumas fazendas. Na maioria dos casos, eles continuam no campo, juntos com seus familiares, nas propriedades dos parentes. Com a interrupção dos estudos e a falta de mais conhecimento, começam as dificuldades dos jovens em conseguir trabalho em empresas que exigem um padrão de conhecimento para seus funcionários, uma realidade que alguns jovens não conseguem enxergar. Trabalhar e ganhar dinheiro, para eles, é o que importa.

Segundo Carneiro (2007 *apud* SINGER, 2005, p.28):

Os jovens de hoje nasceram em um tempo de crise social. Não por acaso, quase dois quintos são desempregados. No entanto, a crise social por eles vivenciada, mais diretamente, tem dimensões específicas que, sob muitos aspectos, é distinta daquela vivida pelos jovens urbanos, que decorrem, precisamente de seu pertencimento a um ambiente social específico ao meio rural – e, quanto é o acaso, a uma unidade familiar agrícola, com características também específicas.

Esses jovens, muitas vezes, desconhecem que a educação é tudo na nossa vida, que o conhecimento é a liberdade, é a porta para ter um futuro melhor para a comunidade, e para suas famílias e para eles próprios.

A Escola do Campo demonstra uma defasagem muito grande na formação da juventude, devido à saída dos jovens para a cidade, porque não são preparados como sujeitos do campo. Com isso, alguns jovens da comunidade Kalunga Diadema têm uma compreensão do processo de estratégia de socialização com relação ao trabalho vivido pela luta da vida cotidiana, um processo formativo que é auxiliado pelo conhecimento das agriculturas familiares na comunidade.

CAPÍTULO IV

4.0 AS JOVENS KALUNGAS DE DIADEMA E POSSIBILIDADES DE ENFRENTAMENTO À EVASÃO ESCOLAR

Atender às necessidades básicas para a manutenção e permanência das jovens Kalunga em Diadema é uma necessidade. Sem isso, está posta a possibilidade de ruptura e continuidade do mundo rural. A precariedade, a falta de saúde e educação e, principalmente, as dificuldades em acessar o mercado de profissionalização são os motivos para a evasão das jovens das comunidades rurais, e a Diadema não foge a esta regra.

As jovens da comunidade Diadema nasceram e moram lá até hoje, umas com seus pais e outras com seus maridos, procurando ter uma vida melhor na comunidade. Algumas tentaram concluir seus estudos, já outras não conseguiram, desistindo após o primeiro ano do Ensino Médio. A maioria não conseguiu conciliar trabalho e estudo, e é comum identificar adolescentes que evadiram da escola entre 14 e 15 anos, período em que deveriam dedicar-se, de forma mais ampla, aos estudos. Para muitos, a escolha é, geralmente, abandonar os estudos e se dedicar ao trabalho.

Abaixo, destacamos, a partir da pesquisa, alguns elementos apontados pelas jovens como fatores que geram um processo de evasão escolar, bem como as possibilidades de superação dessa situação.

A falta de Políticas Públicas

Em pesquisa, estas jovens falaram dos problemas que dificultam suas vidas e levam ao abandono dos estudos. A falta de políticas públicas, visando o fim da evasão escolar, está longe de ser um empenho efetivo dentro destas comunidades. Na realidade, o problema é, por muitas vezes, ignorado nas pautas dos assuntos discutidos pelas autoridades.

A falta de oportunidade

Fez parte da exposição de pensamentos destas jovens a falta de oportunidades quanto à formação, tanto para as famílias quanto para elas mesmas. Estas jovens sentem falta desta formação e da informação que poderia haver, facilitando a sua busca de oportunidades que pudessem ter para construir outros caminhos.

O problema da gravidez precoce

Estas jovens desistiram de ter uma formação profissional na vida. Algumas porque casaram muito cedo; outras porque ficaram grávidas e tiveram de trabalhar para sustentar seus filhos; muitas vezes, elas não tinham com quem deixá-los para que pudessem continuar os

estudos. Isso gera a evasão escolar, antes mesmo da conclusão seus estudos e, por vezes, isso ocorre ainda no Ensino Fundamental, deixando-as sem a mínima condição de conseguir uma colocação ou perspectiva profissional.

No referencial teórico, os autores Abramo (2011), Baiocchi (2010) e Bourdieu (1984) apresentam vários aspectos sobre a evasão escola nas zonas rurais, pontuando a problemática da desvalorização do meio rural, por parte da juventude que, dentre as implicações, tem contribuído com a constante saída de jovens para as cidades, em busca de novos horizontes profissionais. Esses autores acreditam que a principal característica desta fase corresponde à naturalização da continuidade do modo de vida dos pais.

As práticas e representações sociais dos jovens inseridos no meio rural, considerando seus contextos sociais, a relação entre campo e cidade bem como seus projetos de vida, passam a ser tema de investigações quanto ao futuro destes sujeitos (JÚNIOR, 200). Segundo Abramovay (2000) vale ressaltar ainda que a juventude rural caracteriza-se por ser um momento com diversas fases, semelhantes às vivenciadas pelos jovens urbanos.

A comunidade e os pais têm que ter uma relação integradora com a instituição escolar para poder ajudar seus filhos na aprendizagem. Com isso, eles levam seus filhos a subir degrau por degrau, rumo a uma formação que poderá ser retornada, para ajudar suas instituições escolares, das ciências históricas ligadas à vida na nova escola do campo.

Os projetos educativos ajudam a abrir os mecanismos nas instituições escolares. A escola forma uma visão de mundo para uma educação ligada à política pública emancipatória, diferente da política do Estado que é totalmente impregnada pelo sistema dominante, sendo que a educação é um direito de todos e base da teoria dos conhecimentos.

A Educação do Campo sempre traz possibilidades de transformações para vida das jovens e dos trabalhadores do campo, estabelecendo outra lógica de categoria de educação emancipatória, de valorização da elevação dos jovens do campo. Essa transformação pode ser incluída nas possibilidades de formas de reverter a realidade escolar existente na comunidade Diadema.

A Educação do Campo é entendida, para além da dimensão escola, pelo reconhecimento e valorização dos diferentes processos formativos presentes na vida dos sujeitos e da comunidade. Essa educação representa uma redução das desigualdades no direito à educação escolar nos territórios rurais.

Infelizmente, nessa comunidade o machismo ainda é bem presente e, como regra, essas mulheres têm de seguir os passos do marido, sendo sujeitas a ponto de não fazer suas próprias escolhas, por exemplo, caso o marido não queira que elas voltem a estudar, elas não

voltam. Seus sonhos são “podados”, o que causa grande frustração, mesmo porque se trata de jovens que, por muitas vezes, tem sede de conhecimento e precisam deste para se desenvolver profissionalmente algum dia.

Essa atitude machista vem dos antepassados, e ainda é bem comum nos dias de hoje. Desde quando moravam com os pais, essas jovens já eram impedidas de frequentar as instituições escolares, principalmente, depois do casamento. Para superar o machismo é preciso conhecer seus direitos por leis, e os direitos serão concretizados, somente, por meio do conhecimento. Só assim será possível, aos poucos, superar essa dominação que, há muitos séculos, vem oprimindo as mulheres.

Com todos esses desafios, temos que nos organizar, ocupar nossos espaços nas universidades e neste mundo que desrespeita as mulheres da nossa sociedade. Precisamos sair da ideologia machista que seduz as mulheres, fazendo-as acreditar que seu lugar é cozinha e cuidando dos filhos.

Essas jovens precisam ter acesso aos centros de saúde, onde haja orientação médica, e onde elas tenham informações sobre o uso de preservativos. Esses centros devem ser espaços de acesso aos serviços de saúde da mulher. É papel do governo é implantar as políticas públicas para que venha atender e auxiliar as jovens sobre esses assuntos, dentro das comunidades.

Muitos problemas acontecem por falta de políticas públicas, dentro das comunidades. A falta de implantação do Ensino Médio também é um problema para a comunidade. Além disso, falta lazer para essa juventude. Sem isso, as jovens ficam privadas dos conhecimentos que possam ajudá-las, nesse processo de vida.

Por isso, precisamos buscar princípios educativos adequados para a estruturação dos objetivos que nos auxiliam nos procedimentos relativo ao espaço da comunidade, na questão das demandas de políticas públicas, abrangendo a vida cotidiana e a realidade das meninas de Diadema no reconhecimento de uma formação que contribua com discussão de evasão escolar dessas jovens, tão importantes para a comunidade kalunga de Diadema.

Por meio desses conhecimentos, elas poderão, no futuro, ajudar sua comunidade no resgate dos conhecimentos e saberes, no florescer de suas histórias; permitindo entrar no íntimo dos seus antepassados, resgatando suas histórias, que está guardada e adormecida em suas identidades. Esse acesso poderá possibilitar, para elas, o êxito de seus esforços, para mudar o rumo de vida, tanto delas, quanto das que virão. Com isso, no futuro, a história poderá ser diferente.

No entanto, o que vemos ainda é a naturalização da situação de pobreza destes cidadãos. Também observamos que a problemática da gravidez precoce, tende a crescer causando situações alarmantes, talvez isso ocorra porque a situação é tida como fato natural pelo olhar da sociedade em nosso país.

O que poderia ser feito para ajudar a resolver estes problemas, não apenas para estas jovens, mas também para seus pais, seria a orientação especializada, utilizando como instrumentos como, por exemplo, o *Teatro Do Oprimido*, que possibilita o “teatro-debate”. Poderíamos, ainda, fazer palestras, ministradas por autoridades ou grupos de instituições de saúde, com o objetivo ajudar, tanto pais quanto filhos, a entender a importância dos cuidados necessários para evitar essas situações, e entender a responsabilidade que é gerar e cuidar de uma vida. Segundo Boal (2002), este processo exige um trabalho coletivo da parte do grupo, permanente reflexão e autocrítica. Esse tipo de atividade, na comunidade, é bem-vinda, pois possibilita a organização desses jovens em grupos, unidos pelo bem comum.

4.1 IDENTIDADE CAMPONESA

Com as pesquisas na comunidade Diadema, constata-se que há cerca de 40 jovens – mulheres na faixa etária anteriormente indicada. As jovens da comunidade vivem de renda do governo ou de pensão, repassada pelos pais dos seus filhos. Muitas dessas jovens não se identificam mais com o trabalho braçal, não querendo, assim, exercer esta função, junto aos seus pais, na roça. E, além disso, na comunidade Diadema não existe outro trabalho a não ser na agricultura. Isso faz com que essas jovens afastem-se para outro lugar, em busca de outra opção de trabalho.

Às vezes, a vida dessas jovens do campo não é apenas uma escolha, é como se fosse uma fatalidade. Elas já não querem mais o trabalho braçal em suas vidas, mas, por pouca remuneração, o aceitam. A armadilha ocorre quando, em fuga do trabalho braçal, elas largam tudo, inclusive os estudos, e vão trabalhar de doméstica ou outro serviço pesado – ironicamente – um trabalho braçal e árduo que, por muitas vezes, se não sempre, as impossibilitam de retornar aos estudos, por estarem esgotadas física e mentalmente.

Com essa saída dos jovens da comunidade Diadema, a tradição do trabalho braçal na roça está acabando, as pessoas mais velhas não têm força para o trabalho constante nas lavouras. Essa opção não é só dos jovens, mas, também, de alguns pais. Eles constatam que a renda da produção da agricultura não está contribuindo muito no gasto familiar. Por isso, às

vezes, até os pais dos jovens têm que sair para procurar outra opção de trabalho fora da comunidade.

Em Diadema, alguns idosos, que já sentem cansaço da idade, não conseguem mais plantar e trabalhar no roçado como antes, mas, pela falta de mão de obra jovem, acabam por fazer, ainda, o trabalho agrícola, mesmo com suas limitações físicas, pois sua mobilidade já não acompanha suas habilidades.

Para fortalecer e ajudar essas jovens no resgate os saberes culturais, envolvendo-a na concepção de não desistir dos seus estudos, é preciso uma implantação de políticas públicas na comunidade.

A Licenciatura em Educação do Campo faz os jovens pensarem mais em suas perspectivas, leva-os a refletir a formação dos seus conhecimentos culturais e tradicionais da comunidade, voltados para o futuro, no intuito de ampliar e enriquecer o aprendizado.

A escola da comunidade kalunga Diadema tem o dever de se organizar e implantar políticas que possibilitem a construção da vida social das jovens, assumindo uma responsabilidade de superar a evasão das jovens da comunidade. Compete-lhe, ainda, desenvolver um conhecimento do princípio educativo que assegure o ingresso e permanência dessas jovens no mundo da educação formal.

A comunidade de Diadema pode trabalhar trazendo para a Escola do Campo a alfabetização e a políticas públicas, como o programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) como uma possibilidade, de transformação. Devemos exigir uma implantação de políticas que ajudam essas jovens adultas a continuar seus estudos

4.2 O PAPEL DA EDUCAÇÃO DO E NO CAMPO E AS TRANSFORMAÇÕES POSSÍVEIS

Como educadores, devemos analisar e definir claramente a ação educativa, compreendendo-a como ação social, estabelecendo e considerando as relações escola-comunidade e o retrato cultural, produzindo uma técnica educativa articuladora da teoria com a prática, tendo o educando como sujeito do processo de aprendizagem. Assim, devemos oferecer aos nossos alunos oportunidades educacionais com interesses educativos originários do próprio desenvolvimento e necessidades destes alunos. Isso constitui grande desafio para os profissionais da educação que atuam Educação do Campo.

Os educadores são considerados sujeitos fundamentais da formulação pedagógica e das transformações da escola. Lutas e práticas da Educação do Campo têm defendido a valorização do seu trabalho e uma formação específica nessa perspectiva (CALDART, 2012, p. 262).

A apropriação da cultura contribuirá com as partes necessárias para a compreensão dos processos mecânicos que movem a sociedade, permitindo aos indivíduos se situarem melhor face aos desafios da vida moderna, dando-lhes oportunidades, também, de participação nos benefícios culturais advindos do desenvolvimento.

O estudo na universidade suscitou no educador a adoção de formas de relacionamento diferenciado, dando destaque à sensibilidade para ampliação e ajudando a resgatar a imagem do profissional, por vezes, exteriorizada sobre uma forma de autoafirmação negativa.

A título de exemplificação, pode-se mencionar a história de uma jovem que morava na comunidade Vão de Alma, desde os nove anos de idade. Ela gostava de lidar (trabalhar na roça) com os seus pais. A sua mãe sempre contava a ela suas experiências de vida como estudante. Logo, a jovem perguntou à mãe se ela amava os estudos. Como resposta, a jovem obteve que nem tanto, visto que a mãe lembrou das dificuldades que tinha para chegar até a escola. O caminho era de cerca de 4 km.

No transcorrer do tempo, foi implantada outra escola na comunidade Kalunga. Entretanto, o local de ensino era um barraco de palha (casinha) com a distância de 3 km. Apesar das dificuldades, principalmente no que se refere à distância, a jovem adorava estudar. Quando os seus pais disseram que havia colocado uma professora para ensinar os meninos da comunidade a ler e a escrever, a jovem ficou bastante feliz, pois teria, também, a mesma oportunidade que os demais. A jovem não se importava com os pés descalços e a falta de roupas para ir até a escola. O único objetivo dela era de sentir a sensação única de poder ler e de escrever o seu próprio nome.

Além da dificuldade quanto à distância, essa jovem deparava-se com outro obstáculo: quando chovia, o rio transbordava. Os meninos da comunidade se apoiavam uns aos outros, fazendo uma só corrente com as roupas amarradas na cabeça para não se molharem. No colégio, outro obstáculo: sem o “tira jejum” (café da manhã), os meninos brincavam e quebravam coquinho de palha, que servia como alimento.

A jovem estudava no período matutino e, quando chegava da escola, ia direto para a lavoura, na intenção de ajudar os pais. Mesmo com tantas dificuldades, ela jamais pensou em desistir dos seus objetivos de estudar e obter os benefícios que o conhecimento podia proporcionar.

A Licenciatura em Educação do Campo nos orienta sobre a nossa importância dentro das instituições de ensino da nossa comunidade. As pessoas têm o compromisso de buscar o conhecimento. Portanto, não devemos ficar presos às aparências, mas encontrar o verdadeiro significado da escola. Ressalte-se que as Escolas do Campo têm uma história, por isso, devemos trabalhar de maneira organizada para fortalecer as nossas próprias raízes diante do mundo globalizado. Então, nós, educadores, temos o dever de preservar as Escolas do Campo e rejeitar de qualquer modelo que não seja condizente com a nossa realidade cultural.

Podemos constatar a triste realidade do êxodo rural tomando a insuficiente política de educação do campo como exemplo do descaso com que, durante séculos, os povos do campo foram tratados pelo poder público, mesmo que nos últimos dez anos tenham se obtido conquistas (OLIVEIRA, 2012, p. 240).

Atualmente, muitos trabalhadores vivem alienados e excluídos do processo de Educação do Campo. A universidade tem a função de contribuir para a preservação cultural da nossa comunidade, através da formação de educadores capacitados e sensibilizados com as inúmeras dificuldades vivenciadas, não somente por esta jovem, mas por todos pertencentes à comunidade.

Além disso, o trabalho docente não atende à diversidade de realidades sociais encontradas no campo; tampouco existem materiais didáticos voltados para essas múltiplas realidades (OLIVEIRA, 2012, p. 242).

A Educação do Campo traz outra linha de concepção, que é os princípios educativos dos alunos. A relação escola e comunidade deve ser articulada, juntamente com as políticas educacionais, na luta por uma educação transformadora de sujeitos intelectual orgânicos com direitos e com os conhecimentos necessários juntos aos movimentos sociais.

Para um princípio educativo na formação dos jovens, é preciso estimular o espírito de buscar uma forma que os oriente para desenvolver um conjunto de coletividade nos espaços da instituição escolar, onde eles possam aprender a organizar atividades interdisciplinares que venham suprir e ajudar à luz da formação dos conhecimentos das práticas pedagógicas. Outros desafios que os jovens tentam suprir é a falta de políticas públicas, dentro de suas vidas cultural-histórica, suficientes para dar suporte na conquista dos seus direitos dentro da sociedade.

Considerando essas concepções atuais, dentro do contexto que se espera de um profissional, podemos dimensionar a importância da ação na nossa realidade como ponto de partida para um trabalho significativo. Deve-se considerar a aprendizagem como um passaporte para ascensão profissional, isso implica numa ação consciente e competente.

É importante ressaltar a necessidade de (re)significar a ação, atribuindo-lhe um significativo pedagógico. Por isso, o trabalho do professor deve contemplar essa aprendizagem da relação entre a teoria e a prática, sendo necessário partir de pressupostos que diferenciam a atuação, levando o aluno a buscar maior autonomia e a descobrir as formas pelas quais ele pode ser bem compreendido.

A Educação do Campo é entendida para além da dimensão escolar, reconhecendo a valorização dos diferentes processos formativos presentes na vida do sujeito da comunidade. Isso implica uma redução das desigualdades no direito à educação escolar nos territórios rurais.

Trata-se, portanto de uma mudança radical na organização do trabalho docente tanto no nível superior quanto na educação básica, o que dá sentido à proposta da Licenciatura em Educação do campo, na perspectiva de comprometer-se com mudanças tanto no processo formativo dos educadores quanto na gestão das instituições educadoras (MOLINA, 2012, p.470).

A Educação do Campo envolve os métodos sociais da nossa cultura, onde há várias estratégias para socializar a relação do sujeito do campo com o trabalho vivido pelos camponeses. Nessa concepção, suas lutas se tornam constantes e contribuem para manter suas identidades, elementos principais que ajudam o seu processo formativo. Mediante tudo isso, pode-se dizer que a superação da visão social, ou seja, a transformação da atual situação de privilégios e da desigualdade social está prestes a acabar. Entretanto, o educador, somente terá condições de realizar esta tarefa se tiver um sólido conhecimento da história de seu povo.

A escola tem sido objeto central das lutas e reflexões pedagógicas da Educação do Campo pelo que representa no desafio de formação dos trabalhadores, como mediação fundamental, hoje, na apropriação e na produção do conhecimento que lhe é necessário, mas também pelas relações sociais perversas que sua ausência no campo reflete, bem como a sua conquista confronto.

A realidade que produz a Educação do Campo não é nova, mas ela inaugura uma forma de fazer seu enfrentamento. Ao afirmar a luta por políticas públicas que garantam aos trabalhadores do campo o direito à escola, e a uma educação que seja “no e do campo” os movimentos sociais interrogam a sociedade brasileira: por que em nossa formação social os camponeses não precisam ter acesso à escola e a propalada universalização da educação básica não inclui os trabalhadores do campo? Uma interrogação que remete à outra: por que em nosso país foi possível, afinal, constituir diferentes mecanismos para impedir a universalização da educação escolar básica, mesmo pensada dentro dos parâmetros das relações sociais capitalistas? (FRIGOTTO, 2010, p. 29).

A Educação do Campo não nasceu como teoria educacional. Suas primeiras questões foram práticas. Seus desafios atuais continuam sendo práticos, não se resolvendo no plano apenas da disputa teórica. Contudo, exatamente porque trata de práticas e de lutas contra hegemônicas, ela exige teoria, e exige cada vez maior rigor de análise da realidade concreta, perspectiva de práxis.

Nos combates que lhe têm constituído, a Educação do campo reafirma e revigora uma concepção de educação de perspectiva emancipatória, vinculada a um projeto histórico, às lutas e à construção social e humana de longo prazo. Faz isso ao se mover pelas necessidades formativas de uma classe portadora de futuro (MOLINA e SÁ, 2012, p. 262).

A Educação do Campo traz possibilidade para a formação dos jovens do campo, uma oportunidade de ser um novo sujeito, com nova categoria, para uma formação que possa trazer outra concepção de conhecimentos para estes jovens do campo. “A própria imagem de um jovem desinteressado pelo campo contribui para a invisibilidade categoria como formadora de identidades sociais e, portanto, de demandas sociais” (MOLINA e SÁ, 2012, p. 439).

Ao iniciar o curso de Licenciatura em Educação do Campo, e como membro desta comunidade, senti-me no dever de mostrar aos jovens de Diadema que, mesmo com todas as dificuldades encontradas para a permanência no campo, é preciso organização para lutar pelos direitos comuns a todos os membros da comunidade. Mostrar-lhes que mesmo com os problemas, podemos mudar a realidade, fazendo com que o campo seja um lugar acolhedor, com expectativas de uma vida melhor.

A experiência de uma das entrevistadas, estudante da Licenciatura em Educação do Campo, revela como começou observar as jovens da comunidade Diadema, passando a ter um olhar mais flexível para estas jovens. Ao ter um conhecimento melhor sobre estas jovens, percebo que cada uma delas tem perspectivas e pensamentos diferentes, talvez por que na nossa comunidade os pais não tiveram uma experiência de incentivo nas suas formações para poder incentivar seus filhos a estudar.

No entanto, este trabalho vai auxiliar as jovens a não desistirem de estudar e de buscar os seus objetivos, visto que muito delas estão à procura de mais conhecimento. Mas, por ser uma comunidade de pouco acesso aos meios de sobrevivência, muitas desistem dos estudos por não ter um incentivo em termos da sua formação.

Essas jovens obtêm um olhar completamente diferente para o mundo nos dias de hoje. Foi pensando nelas que escolhi esse tema, com a perspectiva de que vai ser de grande

importância em suas vida, e também é um caminho de muitas portas abertas, tanto para mim quanto para o futuro dos meus filhos.

A Licenciatura em Educação do Campo faz os jovens pensarem mais em suas perspectivas ligadas à formação dos seus conhecimentos culturais e tradicionais da comunidade. Incentiva-os a analisar a realidade e construir meios de ampliar e enriquecer o aprendizado, buscando uma vida, no meio, rural mais digna e comprometida com a comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Está havendo, por parte da juventude quilombola, uma atitude de incredibilidade quanto à expectativa de um futuro economicamente seguro dentro das comunidades, e Diadema é um desses casos. Eles não têm conseguido enxergar outra saída a não ser ir à busca de novos horizontes nas grandes cidades, onde, supostamente, conseguiriam um trabalho que lhes daria segurança.

Este estudo se faz importante devido ao fato de que muitos jovens, nos dias atuais, estarem abandonando as suas raízes e, assim, deixando de viver a sua história, com muitas dificuldades. A minha história, estou fazendo-a, e tenho orgulho de mostrar que venci. Sendo assim, o intuito principal deste trabalho é buscar identificar dados e apontar, ao profissional de Educação do Campo, uma linha de soluções que venham ao encontro da melhoria da educação da juventude rural e contribuam com a diminuição da evasão escolar, buscando as causas e as consequências que essa desistência causou na comunidade diadema, situada em Teresina – GO.

Com esta pesquisa, percebemos a falta de política pública na vida social dessas jovens. Além disso, visualizamos que a comunidade Diadema não se organiza e nem se integra às escolas e aos educadores. Alguns pais se não manifestam em relação à educação das jovens, que não vivenciam suas relações com a sociedade em seu entorno. Com as políticas públicas, entre outras medidas, as autoridades objetivam a correção de comportamento mediante esta classe populacional, o que pode ajudá-las nesse processo de vida.

Os jovens camponeses de nossas comunidades têm uma perspectiva renovada para seu futuro. Uma esperança de obter aquilo que lhe é de direito há muito tempo: o acesso aos estudos, para que, por meio dele, possam representar estas comunidades diante da sociedade como um todo, buscando recursos e continuando a lutar por seus direitos e manter suas conquistas. Esta luta é infundável, tendo em conta as transformações pelas quais as sociedades estão passando, assim sendo, que tenhamos forças para caminhar rumo à efetivação dos direitos, e que a juventude rural não pare de estudar, de sonhar e de viver.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Instituto Cidadania, Fundação Perseu Abramo.

ABRAMOVAY, R. *et al.* **Juventude e agricultura familiar**: desafio dos novos padrões sucessórios. Brasília: UNESCO, 1998. 104 p.

ALMEIDA, Maria Geralda de. **Trocas de Saberes no Cerrado**: Valorização dos Quintais, segurança alimentar e cidadania nas comunidades Kalunga em Teresina de Goiás. Goiânia: IESA/FUNAPE/UFG, 2012.

ARAÚJO, Rafael Sânzio. Projeto Cartográfico – Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográfica da Universidade de Brasília. Fonte: BAIOCCHI, Mari de Nazaré, Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. Brasília: Ministério da Justiça, Unesco 1999

BAIOCCHI, Mari de Nazaré. (org) **KALUNGA**: histórias e adivinhações. Goiânia GO: Gráficas e Editoras Vieira, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A juventude é apenas uma palavra**. In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1984.

BRASIL. Censo da Educação Superior, INEP/MEC, 2010.

CALDART, Roseli S.PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: **Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular**, 2012.

CARNEIRO, M. J.. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 11, out., 1998: 53-75.

CARNEIRO, Maria José. O ideal rurbarano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Raimundo; COSTA, Luiz Flávio de Carvalho (Orgs.). **Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1998, p. 95-117.

CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude e novas mentalidades no cenário rural. In: CARNEIRO, Maria José; (Orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p.53-78.

CRESWELL. John,W. **Projeto de pesquisa qualitativa, quantitativa e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. 2007.

_____. Herança e gênero entre agricultores familiares. Rio de Janeiro: **Revista Estudos Feministas**, ano 9, 2001, p.22-55.

_____. Do rural como categoria de pensamento e como categoria analítica. In: CARNEIRO, M. J. (Coord.). **Ruralidades contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X, FAPERJ, 2012, p.23-50.

CUNHA, M. A. de A. Expectativas de jovens camponeses na universidade: os desafios de uma formação em nível superior. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 36, n. 1, p. 263-283, jan./jun. 2011.

DURSTON, J. Juventude Rural, Modernidade e Democracia: Desafio para os Noventa. In: **Juventude e Desenvolvimento Rural no Cone Sul Latino-americano**. Série Documentos Temáticos. RS. Brasil. Junho, 1994.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

GALLAND, Olivier. **Formas e transformações de entrada na vida adulta**, Sociologia do Trabalho, 1990. No. 1, p. 32-52, 1991.

GUILHOTO, J. J. M.; ICHIHARA, S. M.; SILVEIRA, F. G.; DINIZ, B. P. C.; AZZONI,

C. R.; MOREIRA, G. R. C. **A importância da agricultura familiar no Brasil e em seus estados**. 35º Encontro Nacional de Economia, 2007. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/encontro2007/artigos/A07A089.pdf>.

_____. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2. Reimpressão, 2011, p. 243-261.

MOURA, Glória (coord). **Uma história do povo Kalunga**. Brasília - DF: MEC, Secretaria de Educação Fundamental, 2007.

MOLINA, Mônica Castagna. **Políticas Públicas**. Verbete do *Dicionário da Educação do Campo*. EPSJV/Expressão Popular, 2012, p. 587-596.

NEVES, José Luís. Mestrado do Curso de Pós Graduação em Administração, São Paulo, V: 1 Nº 3, 2º SEM/1996 FEA-USP

Uma história do povo kalunga / Secretaria de Educação Fundamental - MEC ; SEF , 2001120 p.: il.

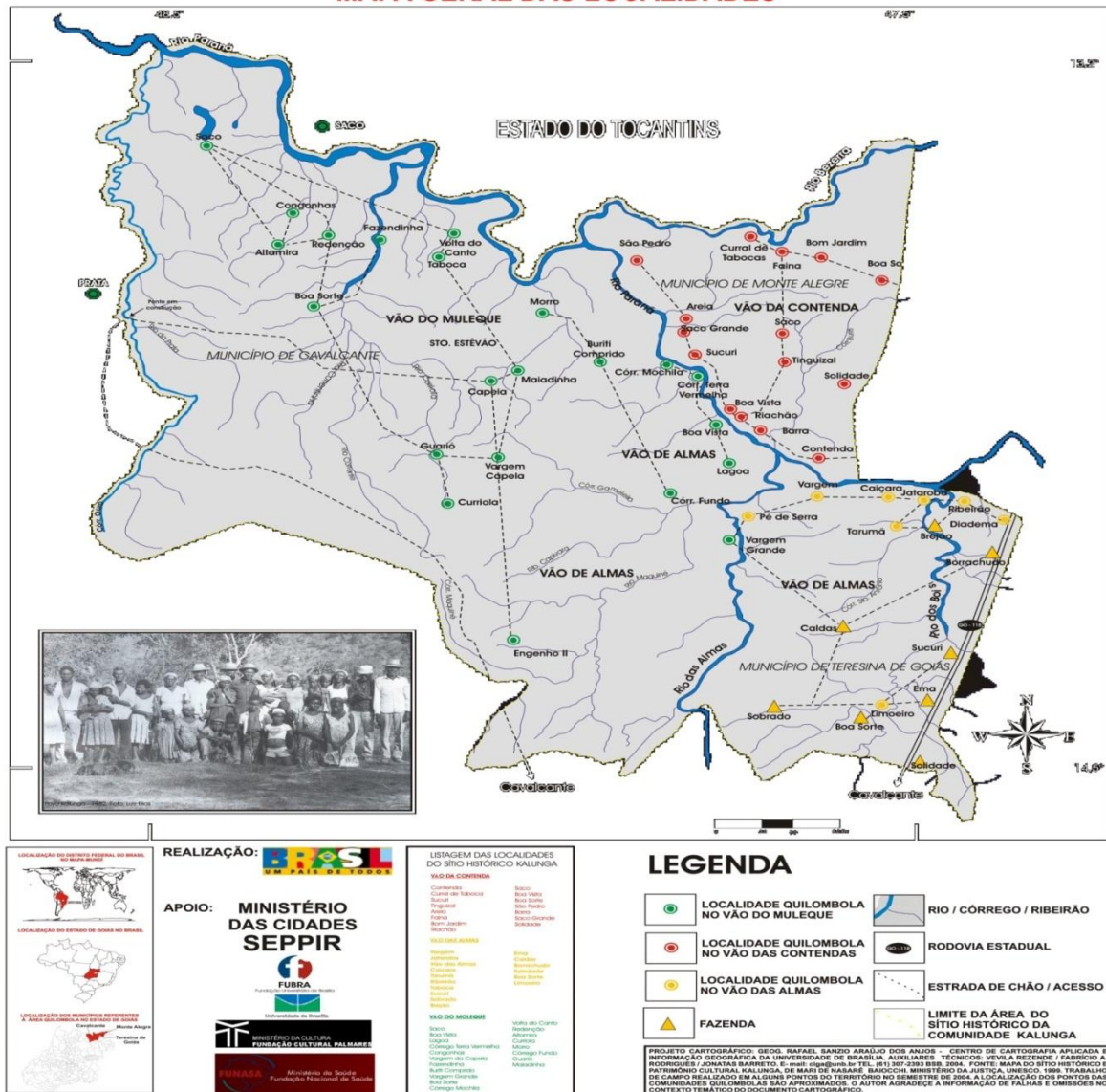
SILVA, P. S.; FILHO, E. T. D.; MARACAJÁ, V. P. B. B.; MARACAJÁ, P. B. ;PEREIRA, T. F.C.Agricultura Familiar: Um Estudo Sobre a Juventude Rural no Município de Serra do Mel – RN. *Revista Verde (Mossoró – RN – Brasil) v.1, n.1, p. 54-66 janeiro/junho de 2006*.

TRUJILLO FERRARI, Alfonso. **Metodologia da ciência**. 3 ed. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.

WALTER, Benjamim. **Magia e Técnica. Arte e política.** Ensino sobre literatura e História da cultura Brasileira. Sp. 1987, p.225.

ANEXOS

Anexo 1

**SÍTI0 HISTÓRICO E CULTURAL DO REMANESCENTE DE QUILOMBO KALUNGA - GO.
- MAPA GERAL DAS LOCALIDADES -**

Fonte: Araújo (1999).

APENDICES

Apêndice I

Roteiro de entrevistas realizado com as jovens da comunidade Diadema.

1. Dados pessoais do (a) entrevistado (a):
2. Qual seu nome completo?
3. Onde nasceu (local de nascimento)? Nasceu no campo ou na cidade?
4. Quantos anos têm?
5. Em que data? Data de nascimento completa (dia/mês/ano)
6. Qual seu estado civil?
7. Quantos filhos têm? Onde nasceram?
8. O Sr./Sra. teve oportunidade de estudar? Qual seu grau de instrução?
9. Qual sua profissão? Com o que trabalhou ao longo de sua vida?
10. O que levou a desistir dos seus estudos.